

Na trilha do desejo – Um breve percurso

Suzana Maria do Egito Rodrigues

*“Nossa opinião é que convém ao homem supor
que há algo de não conhecível, mas que ele não
deve impor limite em sua busca.”*
Goethe

Há muitos anos atrás havia um rei e uma rainha que muito queriam ter uma filha. Um dia, quando a rainha tomava banho, um sapo pulou pela janela afirmando-lhe que seu desejo seria realizado. Uma linda menina nasce, Aurora, e feliz, o reino comemora com uma grande festa. Três fadas, Fauna, Flora e Primavera, comparecem à celebração para presentear a criança com palavras mágicas. Ao término da fala da Flora, Maléfica, que não havia sido convidada aparece e, com altas gargalhadas, grita: “Aos quinze anos morrerás com uma picada num fuso de tear”. Restando apenas as palavras de Primavera, esta, não podendo anular o feitiço, diz: “Não morrerás, mas dormirás até que um beijo te desperte”. E assim se cumpre o destino.

Laio, filho de Lábdaco, nutria em sua juventude uma paixão mórbida por Crisipos, filho de Pélops e rapta-o, sendo amaldiçoado pelo pai daquele. Posteriormente, Laio casa-se com Jocasta e tem um filho, mesmo tendo o oráculo advertido-o que esse filho o mataria. Para fugir à predição do oráculo, após ter tido os pés perfurados, o bebê foi dado aos pastores para ser abandonado. Porém, com pena da criança, os pastores o criam. Já crescido, Édipo, sabendo ser filho adotado, vai ao oráculo de Apolo em busca de sua ascendência e escuta a mesma predição ouvida anos antes por seu pai; foge na tentativa de escapar das palavras que viriam marcar seu destino. Em vão.

Parece-me oportuno iniciar o texto usando estes dois recortes, há muito por nós conhecidos: a fábula da *Bela Adormecida* e o mito de *Édipo Rei*, pois ambos trazem em suas linhas os enlaces do desejo. Em ambos tem-se o desejo afirmado e o cumprimento do destino.

Apesar do termo alemão **Wunsh** ser traduzido apropriadamente para o português como desejo, este apresenta um uso mais amplo. A variação de seu uso dar-se-á de acordo com a situação contextual e poderá indicar vontade (**lust**) ou querer (**wille**). Desejo, em português, também pode ter a conotação de desejo sexual, o que não ocorrerá com o termo em alemão. **Wunsh**, em sua originalidade, encontra-se fortemente ligado ao imaginário e coloca em evidência o objeto ou situações almejadas ou imaginadas, porém que se encontram distantes. “O desejo (**wunsh**) se relaciona com uma necessidade do objeto, cujo contato propiciou uma vivência, a qual é evocada”.

- 1 -

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

Deixar o desejo erigir em Psicanálise remete-nos de imediato à singularidade de cada sujeito e, portanto, ao inconsciente. Para Freud, o desejo se apresenta como realização alucinatória; no entanto, para Lacan, este conceito encontra-se relacionado à falta de objeto. Como diz o aforismo lacaniano: *“é preciso que a coisa se perca para ser representada”*. O objeto é constituído como ausência, como perda, e é fundado na estruturação da linguagem através da qual o desejo é representado. O objeto, causa do desejo aponta sempre para a falta e permanece sempre insatisfeito, abrindo, inevitavelmente, uma fenda no desejo, deixando emergir a insatisfação diante da fugaz satisfação, fazendo-o renascer, constantemente, em um outro lugar que não aquele que diz do objeto visado, fazendo-o deslizar de significante em significante.

Articulado pela linguagem, o desejo sempre é desejo do Outro. Supondo para além do grito do *enfant*, atribuindo-lhe significados, a mãe envolve-o no campo da palavra e da linguagem. Mas, ao frustrar a demanda do filho, não respondendo a todas as suas evocações, constitui-o como sujeito desejante, portanto, sujeito portador de uma fala. Esta ascensão procede sempre da falta no desejo materno e, depois, paterno, inscrevendo o filho no circuito da linguagem, como já foi mencionado. Portador da linguagem e do corte, advindos do Outro, o desejo será em relação ao objeto sempre desejo de reconhecimento.

Diz Lacan: *“numa palavra, em parte alguma se evidencia mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro”*.

Porém, marcado pela falta, desliza na cadeia sempre de um significante ao outro, à qual se fixa momentaneamente para, logo após, reconhecer a falência desse encontro e eleger outro, reabrindo a série. Inscrito na falta, a apreensão desse objeto é sempre da ordem do impossível, pois está invariavelmente mais além. Embargado o acesso a esse objeto supostamente perdido – que não é da esfera da necessidade, pois esta é da ordem do biológico – demarca a impossibilidade de haver um objeto pulsional capaz de suprir esta falta radical. Há sempre uma tentativa de nomeá-lo, porém uma vez nomeado, o sujeito o perde. *A letra mata*. O desejo, função central em toda experiência humana, é *desejo de nada que possa ser nomeado*. Mas o desejo é indestrutível, posto que os significantes que o determinam encontram-se arraigados no inconsciente desde a mais tenra infância. Mais ainda, ele está aí desde sempre transpassado pelos desejos dos que lhe antecederam pelo menos em três gerações.

O desejo é da ordem do enigmático. Assim como no desvelar do enigma imposto pela Esfinge aos passantes a caminho para Tebas, em Édipo Rei, desafiando-os a buscar a solução, o desejo, também, dirige o sujeito a um saber, a uma tentativa de desnudar o desejo que subscreve sua existência. Após Édipo solucionar o enigma, a Esfinge, desiludida, procura a morte, abrindo-se à estrada para a realização da predição do Oráculo. Predição já sabida por “todos”, inclusive por Édipo, porém, como a verdade só se revela em sua parcialidade, apresentando um discurso velado, Édipo desconhece quem são seus

- 2 -

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

verdadeiros pais e na tentativa de fugir de seu destino segue ao encontro dele. O Oráculo já predissera o seu destino muito antes de ele nascer, marcando-o, com palavras, impossibilitando a mudança de curso. Ressalta-se aqui que o Oráculo apenas revela o desejo, pois a trilha do desejo a ser percorrida já estava posta desde antes, desde *Pélops* e sua maldição.

Na peça *“Os dados estão lançados”*, de Sartre, Pierre e Eve encontrando-se pós-morte descobrem que foram feitos um para o outro e, como não se conheceram em vida, têm uma segunda chance. Já em vida, não esquecendo a morte, ambos *“terão 24h para conseguir se amar com toda a confiança e com todas as suas forças; assim terão direito a uma existência humana integral”*. Ao término das 24h, Pierre e Eve estão sentados no salão de chá do parque onde outrora confessaram juras de amor; em grande tristeza, Eve diz: *“não conseguimos. Os dados estão lançados, como o senhor vê não se pode voltar atrás”*.

Mas a Psicanálise distancia-se da tragédia grega e da filosofia sartreana. Lacan afirma no seminário 2:

“O jogo já está jogado, os dados já foram lançados. Já foram lançados, com a seguinte ressalva, podemos retomá-los em mão, e lançá-los mais, ainda. Há muito tempo que a partida está encerrada”.

É só e somente só em análise que os dados podem ser retomados, *“lugar onde se deve visar à passagem de uma fala verdadeira”*, pois *“a análise consiste em fazer o sujeito tomar consciência de suas relações... com todos esses Outros, que são seus verdadeiros fiadores, que respondem por ele e que ele não reconheceu”*. Quando o sujeito fala, não sabe o que diz por não saber o que é, e se indaga: *“com isso, que faço?”*.

Todo o drama do destino de Édipo circunda, desde o começo, o velamento do discurso, o qual o deixa ‘cego’ para sua realidade.

“Eu, nada tenho com isso”, diz Édipo. E nada tinha mesmo; todavia, aceita seu destino e realiza-o plenamente. Édipo se pensa inocente, mas quem é inocente na tentativa de realização do desejo do Outro? No mínimo, somos partícipes sem disso dar-nos conta. O desejo é sempre uma via de mão dupla, o desejo também é desejado.

Neste instante rememoro o mito das *Moiras (Parcas*, em latim), também conhecidas como Destino: três deusas que tinham poder sobre a vida e a morte dos mortais: *Cloto*, a tecedeira do fio da vida, *Láquesis*, a medidora dos fios, e *Átropos*, a cortadeira do fio da vida: esta última representando a morte.

Diz assim o poema:

*Nós tecemos a teia
Da vida e da morte*

- 3 -

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

*Trançamos a meada do destino
Para todo e qualquer mortal
Estendemos um fio dourado
Partindo do Salão Lunar
Firmamos suas pontas
No Oriente e no Ocidente
No Norte e no Sul
Um arremate é dado ao Meio-dia
Uma prega é costurada
Na casa do Alvorecer
O trabalho se finda
No salão do sol-poente*

A arte do tear compete a Grande Mãe, que tece a teia da vida e fia a meada do destino. Como Grande Fiandeira, trama a vida humana, assim como a sombra e a luz, deixando a existência dos mortais a sua mercê.

Henry Ward Beecher diz: “what a mother sings to the cradle goes all the way down to the coffin”: “*O que a mãe canta no berço chega até o caixão*”. É aí que encontramos a semelhança do conto da *Bela Adormecida* com o de Édipo Rei. Na fábula, um sapo, assim como o Oráculo, prediz a chegada da princesa e sua predição une-se à fala das fadas, que ditam seus desejos para a vida da pequena, a qual, alheia a estas falas, também vai ao encontro do seu destino. A primeira marca feita no sujeito se dá antes mesmo de seu nascimento, através da relação simbólica que, a ele, preexiste.

Lacan utiliza, na sessão do dia 24 de maio de 1954, a expressão *falas fundadoras*, como sendo falas embebidas de desejo que, ditas antes do nascimento, presidirão os destinos do sujeito falante.

“As falas fundadoras que envolvem o sujeito são tudo aquilo que o constituiu, os pais, os vizinhos, a estrutura inteira da comunidade, e que não só o constituiu como símbolo, mas o constituiu em seu ser”.

Mais adiante, na sessão do dia 26 de abril de 1955, Lacan nos lembra:

“... as falas, infelizmente, permanecem. Elas permanecem até quando ninguém mais se recorda delas...”.

O sujeito é como uma obra de arte que o pintor idealiza, mas que não sabe como terminará; ela será o resultado de incansáveis pinceladas até a obtenção daquilo que considera ser o mais próximo possível de seu desejo, um quadro. Quadro que, diante de diferentes olhares, assume distintas significações e, quando gasto pelo tempo, recupera os

traços originais após submeter-se a uma cuidadosa restauração. O sujeito é isso, é esta pintura idealizada, falada, revestida de desejo, que se apresenta como eu ideal.

Assim, o sujeito psicanalítico, não fala senão através de seu próprio discurso. Fala na tentativa de recuperar a linguagem que está articulada ao desejo, portanto, recuperar as falas fundadoras que o constituem. Seu desejo, posto em seu discurso, fala dele sem que ele o saiba; no próprio ato da enunciação é que ele emerge, para se perder e voltar a se situar no nível da enunciação mesmo quando o sujeito tenta “intencionalmente” dizer algo, pois quando fala não pode impedir-se de estar tomando uma determinada posição. Ao falar, invariavelmente, ocupa uma posição frente ao que diz. O dito, assim com a Carta no conto de Edgar Allan Poe, dependendo de sua localização, define a posição do sujeito.

Capturado pela linguagem e prisioneiro da articulação dos significantes, o sujeito se perde na verdade de seu ser, por estar representado na cadeia pelos significantes substitutivos que instauram o objeto do desejo como objeto metonímico.

O desejo de saber de onde advém o desejo lança o sujeito, a todo instante, na cadeia discursiva, interrogando-o cada vez mais sobre seu *próprio* desejo, sendo esta a questão central da linguagem, portanto, da Psicanálise.

Concluo este trabalho fazendo uma homenagem a um grande poeta alagoano, Sidney Wanderley, com grande respeito e carinho, lendo o poema “Gavetas” de sua autoria:

*Aquela foto sobre a cômoda da tia
fez-me esquecer o que ali eu procurava
e que jazia (e talvez ainda jaza)
nas gavetas que o tempo desfaria.*

*- Que as gavetas que por certo eu perseguia,
repletas de memórias, e de poesias,
eram em mim que se fechavam e que se abriam.*

Idéia-núcleo

“Lacan utiliza, na sessão do dia 24 de maio de 1954, a expressão falas fundadoras, como sendo falas embebidas de desejo que, ditas antes do nascimento, presidirão o destino do sujeito falante.

Mais adiante nos lembra:

[...] ‘as falas, infelizmente, permanecem. Elas permanecem até quando ninguém

- 5 -

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

mais se recorda delas...' ". (26 de abril de 1955)

- 6 -

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas